

## MEMÓRIAS POR ENTRE OS TEMPOS: contação e recriação de histórias

Dorgival Gonçalves FERNANDES- UFCG  
Kamilla Simonelly M. de O. DANTAS- UFCG  
Zaira de Aquino CAROLINO - UFCG

*Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas.*

Walter Benjamin.

### INTRODUÇÃO: uma história de memória ou memória de uma história

Quando eu era menino, em fins da década de 1960, no lugar em que morava, mais especificamente na minha rua, não havia calçamento e nem costumava passar carros, não havia energia elétrica, nem livros, e nem televisão; dormia-se cedo da noite. Éramos todos pobres de dinheiro e de letras, mas não de possibilidades de viajar, fantasiar, aprender. E então, quando dava de seis para sete horas da noite, noite quase escura, pois o candeeiro de querosene iluminava pouco, a meninada ia pra rua, tranqüila, brincar, se divertir. Uma das diversões preferidas era ouvir histórias, que a gente chamava de estórias. No terreiro da casa de Seu Sebastião havia um tronco de coqueiro derrubado e ali sobre aquele tronco nos sentávamos, apertados uns nos outros e os que no tronco não cabiam, sentavam-se no chão, para ouvir as histórias. Com os ouvidos bem atentos, de olhos bem abertos nas horas em que éramos tomados por espanto ou admiração, de olhos bem fechados quando o medo de assombrações e almas penadas tomava conta da situação, viajávamos por outros mundos, por outros lugares e gozávamos sob o poder da imaginação. Assim nos divertíamos, instruíamos, nos construíamos. E quando eu voltava para casa, lá chagava, às vezes assustado, às vezes triste, às vezes eufórico, mas sempre lívido.

O terreiro da casa de Seu Sebastião era um espaço público naqueles momentos de contação de histórias. Mas havia também o espaço privado, doméstico, e em casa também havia os momentos de contação de histórias. O meu pai, vez em quando, nos contava histórias cantando, e lembro-me de uma noite em que adormeci soluçando de tanto chorar por causa de um menino – eu também era um menino! - cujos olhinhos *marejou quando o*

*seu pai viajou* e ele ficou órfão. A minha avó também me contava muitas histórias e teve uma que me deixou eufórico, vingado, satisfeito quando um menino chamado João, para sobreviver às maldades de uma bruxa e não ser cozido num caldeirão junto com a sua irmã Maria pegou um rabo de lagartixa para apresentá-lo como se fosse seu dedo, demonstrando coragem, inteligência, astúcia e esperteza para se livrar de uma situação adversa. Ah, as fábulas eram verdadeiras! Como assinala Calvino (1992): *As fábulas são verdadeiras*.

....Uma pausa, é que a minha avó já “viajou” e os meus olhos estão marejando de saudades dela, das suas histórias, daquele tempo.... Entre tantas outras coisas e sentimentos, a tessitura dessa narrativa e as lembranças que nela se assentam, até aqui, me levaram a viajar por tempos e lugares e despertou em mim uma alegre saudade e me trouxe um amontoado de imagens, então hoje será um dia de chuva, pois como fala Benjamim (1994, p.37):

Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois. Num outro sentido, é a reminiscência que prescreve, com rigor, o modo da tessitura.

Tempos depois, em princípios dos anos setenta, quando eu ainda continuava menino, chegou luz elétrica na minha rua e com ela, algumas poucas pessoas menos pobres adquiriram a televisão, aí então a meninada, à noite, passou a se espremer na frente de portas e janelas das poucas casas onde havia televisão. Então, as rodas de histórias passaram a acontecer apenas quando à noite faltava a energia elétrica. Hoje, em praticamente todas as casas da rua em que eu morava quando criança existe televisão, e mesmo quando falta energia elétrica à noite, não há mais reunião entre meninos e adultos, e principalmente entre velhos e crianças, para se contar e ouvir histórias.

## REFLEXÕES SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Na atualidade, parece que as gerações andam distantes uma das outras, isoladas, e os saberes dos velhos são socialmente representados, muitas vezes, com um travestimento de

coisa mofada, portanto não há platéias para escutar o que estes têm para contar. A esse respeito, Gagnebin (1994, p.11) diz que

o desaparecimento da arte de contar parte, portanto, do declínio de uma tradição e de uma memória comum, que garantiam a existência de uma experiência coletiva, ligada a um trabalho e um tempo partilhados, em um mesmo universo de prática e de linguagem.

Dos sentidos que vamos produzindo para as histórias que ouvimos na infância e adolescência até a fase adulta, vamos construindo sentidos para as coisas, fatos, pessoas, situações e eventos que nos cercam e, de certo modo, tais histórias e tais sentidos vão orientando o nosso viver. É a partir de tais sentidos construídos que vamos representando o mundo e nos representando nele, elaborando assim representações sociais a partir das quais nos situamos e intervimos no mundo (Moscovici, 1978).

Assim os relatos de feitos, causos, ações, acontecimentos consubstanciados em narrativas sobre lendas, mitos, heróis, personagens de mundos próximos ou distantes, materiais ou imateriais vão florindo o nosso imaginário e nos constituindo enquanto pessoa, sujeito, cidadão, pois, como afirma Pietro (1999, p. 22)

“todos nós nascemos imersos em uma imensa trama de narrativas. Certas narrativas exercem uma grande influência sobre o imaginário familiar, cultural ou ambos, como se nos possuíssem. Elas condicionam o nosso modo de ver a vida, de tomar decisões, de resolver os problemas afetivos e assim por diante.”

A região nordestina é muito rica em histórias e causos que alimentam lendas e fábulas e realimentam o nosso folclore, o nosso jeito de ser e de viver, instituindo assim a nossa cultura, que tem se dado a partir de intercâmbios de narrativas sobre o aqui, o ali e o acolá, o próximo e o distante evidenciando uma diversidade de realidades, afinal, como assinala Coutinho (1984, p. 178)

O maravilhoso, o mítico, o fantástico, bem como quaisquer níveis da realidade que transcendem a objetividade cientificista, constituem uma parte integrante da vida latino-americana, são elementos presentes tanto

na própria natureza quanto na vida cotidiana do continente em suas mais triviais ocorrências...

Assim sendo, durante séculos e séculos histórias e causos foram sendo repassados de geração para geração através da oralidade, a partir da contação de histórias realizada por pais, avós e por pessoas mais velhas para os filhos, netos e para os mais moços em geral num processo de construção de elos afetivos, culturais, geracionais, contribuindo assim para: a) a formação de comportamentos, a exemplo do cuidar de si e dos outros; ouvir e obedecer aos pais, respeitar os mais velhos, etc.; b) a sedimentação de valores e condutas, tais como: a honestidade, a cultura de paz, o valor do trabalho; c) o ensinamento da arte de contar histórias, de construí-las e reconstruí-las, e de recontá-las.

Neste sentido podemos afirmar que a arte de contar histórias e a arte de reconstruí-las pelos sujeitos que as escutam assume importante função na formação de sujeitos cidadãos, criativos e imaginativos. Porém, é pertinente indagar: como anda essa prática milenar nos dias atuais, tão envolvidos pelos meios eletrônicos de comunicação, a exemplo da televisão e do computador que nos saturam de tanta informação pronta, finalizada e descartável?

A prática da contação de história é calcada num tipo de comunicação artesanal, como salientou Benjamim (1994, p. 205) ao afirmar que *a narrativa (...) é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação*. Mas essa modalidade de comunicação, embora haja o esforço de muitos sujeitos em preservá-la, se encontra atualmente em declínio, desuso, sendo considerada antiquada e substituída em grande escala pela comunicação midiática.

Esse tipo de comunicação midiática veiculada, principalmente, pela televisão e pelo computador, que se alimenta e alimenta aos que com ela trava contato de informações, na maioria das vezes, prontas e acabadas, de modo veloz e fulgás, parece trazer para as pessoas prejuízo a sua capacidade de imaginação e criação, haja vista que esse tipo de comunicação trabalha no sentido de atenuar as possibilidades de produção de sentidos para as situações vivenciadas ou assistidas, ou seja, há uma perspectiva de que a representação do mundo já chague pronta às pessoas. E estas, quando podem e devem, restringem-se a

decorar e descrevê-la de modo reprodutivista. Benjamim (1994, p. 203), pensando sobre essa problemática afirma que:

Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres de histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicação. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações. (...) O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é importante ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação.

Essa situação é percebida por nós no processo de ensino-aprendizagem nas turmas de graduação e pós-graduação em que atuamos como professor e alunos. É interessante perceber as dificuldades que os alunos apresentam sempre que são chamados a comentar ou a problematizar um texto lido. As dificuldades em extrapolar o entendimento informacional restrito dado pelo autor do texto e buscar outras possibilidades, ou uma possibilidade mais pessoal de entendimento do que é lido, de recriar a mensagem percebida ou de construí-las em perspectivas diversas se impõe como um grande obstáculo, um desafio a ser enfrentado.

Assim, a capacidade de criação parece ir sendo substituída pela capacidade de reter informação e petrificá-la, reificá-la. Nesse caso, tanto quem vê e assiste como quem acessa a um “conto” sente muita dificuldade para acrescentar um ponto, diferentemente do que acontece num ato narrativo, que pode ser pensado como *um homem contando histórias para outro que a complementa com o que imagina delas*. (Quinto, 2006, p.264). Aparece desse modo, a dificuldade mesmo de pensar, que parece se alastrar por entre as gerações da era televisiva e computacional, pois pensar é refletir e refletir é recriar, criar, e criar é pensar para além do que se ouve, vê, assiste, acessa, afinal, uma história deve puxar outra. Ou seja, quem ouve uma história pode contá-la e recontá-la de outro jeito, acrescentando a esta algo de si a partir do seu modo de representar, se situar e intervir no mundo, e como diz Pietro (!999, p. 13), *é como se narrar fosse uma forma de pensar o mundo*.

Neste sentido, nos parece evidente que a televisão e o computador, tendem, na maioria das vezes, a produzir um tipo de comunicação que propicia uma massificação da cultura e

uma cultura de massificação no afã de produzir comportamentos padronizados. Ao contrário, *a contação de narrativas é um instrumento que a família, e principalmente, a escola podem e devem utilizar para propiciar os elementos necessários para emancipação pessoal das crianças.* (Oliveira, 2006, p. 07).

A narrativa, esse modo de comunicação artesanal, todavia, não deve ser pensada como a única maneira salutar de comunicação humana. Ela é uma possibilidade entre tantas, apenas se pontua aqui a sua importância, o seu declínio, a sua desvalorização social e a necessidade de revalorizá-la e reativar a sua prática entre as gerações mais novas, que convivem com tamanha diversidade de tipos de linguagens e comunicação. É a isso, primordialmente, que se propôs esse trabalho, objetivando recuperar as histórias presentes nas memórias de pessoas idosas, desvendar os seus sentidos construídas por essas pessoas, contá-las para pessoas mais novas e assim estimulá-las a recontá-las, recriá-las. Neste sentido, pensemos no que afirma Ecléa Bosi (1979):

Os velhos, apesar de não serem mais propulsores da vida presente de seu grupo social, têm uma nova função social: lembrar e contar para os mais jovens a sua história, de onde eles vieram, o que fizeram e aprenderam. Na velhice, as pessoas tornam-se a memória da família, do grupo, da sociedade.

OUVIR, CONTAR, RECONTAR E RE-CONSTRUIR HISTÓRIAS: memórias de um projeto

No tocante ao que pensamos e expomos acima, destacamos pontos referentes à arte de contar e construir histórias, à necessidade de resgatar histórias e à arte de contá-las, evidenciando a sua importância histórica e cultural. Entretanto, salientamos não apenas o resgate e a valorização da prática de contar histórias, mas também o fato de ser salutar pensar sobre a preservação do acervo de histórias que foram e são transmitidas de gerações a gerações no contexto da formação do povo nordestino. Foi neste patamar de afirmações que elaboramos o projeto desenvolvido no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Arte e Cultura – PIBIAC, intitulado “DA ARTE DE CONTAR À ARTE DE RECONTAR E CONSTRUIR HISTÓRIAS”, realizado por nós no âmbito do Centro de Formação de

professores da Universidade Federal de Campina Grande, no período de setembro de 2006 a maio de 2007.

Este trabalho se inscreveu na perspectiva de valorizar, resgatar e estimular a prática da contação de história e preservar acervos de histórias. Insere-se, assim, no campo da pesquisa, da extensão e do ensino. Dessa maneira, objetivamos ouvir de pessoas velhas as histórias que essas ouviam na sua infância e adolescência, arquivá-las em acervo eletrônico a partir de gravação em CD ROM para, em seguida, dar-lhes uma roupagem contemporânea, buscando revesti-las de uma linguagem infanto-juvenil atual e contá-las em escolas públicas para alunos de 6º ano do Ensino Fundamental, visando o incentivo à escritura de outras histórias sedimentadas nas histórias ouvidas.

Assim sendo trabalhamos a dimensão da pesquisa, da extensão e do ensino. A parte de pesquisa se refere ao processo de identificação e coleta de histórias, que constitui acervo de histórias (fábulas, lendas, estórias de trancoso, de assombração, etc.) para o Curso de Pedagogia do CFP/UFCG e para toda UFCG. Portanto, nessa pesquisa buscou-se apreender os sentidos que essas pessoas idosas atribuem às histórias que ouviram no passado e que nos contaram no presente.

No que se refere à atividade de extensão, em primeiro lugar, valorizamos um bem da comunidade, a memória dos seus velhos, e um patrimônio cultural: as histórias que constituem o seu imaginário. Em segundo lugar, buscamos levar à comunidade, junto a algumas de suas escolas, esse patrimônio cultural, procurando desenvolver a revalorização da prática de contação de histórias. Levando em consideração que uma história puxa outra, instigamos os alunos-ouvintes dessas histórias a recontá-las e a recriá-las, expressando-as através da escrita. Com isso atuamos na dimensão do ensino, pois assim acreditamos que o sujeito que cria e escreve histórias aperfeiçoa a sua habilidade em leitura, em escrita e melhora o seu desempenho escolar, ampliando dessa maneira as suas capacidades de entendimento sobre o mundo e sobre si mesmo.

Nesta perspectiva a atividade realizada assumiu relevância tanto acadêmica, pois produzimos conhecimentos, como também social, pois recuperamos de modo sistematizado um patrimônio cultural da sociedade: as suas histórias, que colaboram na instituição do seu imaginário. Além do mais, buscamos capacitar novos contadores de história, tanto na universidade, já que nossas bolsistas praticaram a arte da contação de histórias, como também os alunos do Ensino Fundamental de escolas públicas na cidade de Cajazeiras.

Acreditamos a partir do que expomos aqui, ter contribuído, com esse projeto, para a melhoria das condições de aprendizagem de parte dos alunos da cidade de Cajazeiras e para a melhoria de vida, em certo sentido, de parte dos idosos de camadas populares que residem nessa cidade. Noutra perspectiva, também contribuímos para a capacitação dos alunos universitários envolvidos nesse projeto no que tange ao seu aprendizado enquanto educadores.

A capacitação das alunas bolsista e voluntária se deu a partir da realização de leituras e fichamentos de textos sobre conteúdos referentes à temática do projeto, tais como: histórias, literatura, folclore, cultura, arte, leitura, entre outros temas. Também assistimos e analisamos filmes que tratam de temas afins à proposta do projeto, tais como: *A Hora da Estrela*, *Abril Despedaçado*, *Tomates Verdes Fritos* e *Os Narradores de Javé*. Sobre esses filmes as alunas envolvidas nesse projeto produziram resenhas.

#### ENTRE MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E VIVÊNCIAS: percurso e resultados do trabalho

Para as atividades de pesquisa foi adotada a metodologia de pesquisa qualitativa, principalmente a partir de realização de entrevistas individuais na modalidade semi-estruturada com pessoas idosas com idade a partir de 60 anos, moradoras de bairros que se situam no entorno do CFP/UFCG, perfazendo um total de 15 entrevistas. Essas entrevistas, que tiveram como finalidades a identificação de histórias, seu relato, arquivamento e os sentidos construídos pelos seus contadores foram gravadas, com a autorização dos entrevistados e dispostas em CD ROM para compor acervo.



As histórias narradas foram analisadas pelas alunas bolsista e voluntária e pelo orientador a fim de atualizar a linguagem adotada pelos idosos, dentro da perspectiva infanto-juvenil. Em seguida tais histórias foram convertidas em textos escritos em formato de folheto e contadas pela bolsista e voluntária em escolas públicas para alunos de 4ª série do ensino fundamental. Assim, a atividade de contação de histórias destinou-se ao público estudantil que voluntariamente se dispôs a participar das oficinas de contação e recriação de histórias, perfazendo um total de 18 estudantes com idade entre 08 a 13 anos. Essas oficinas foram coordenadas e ministradas pelas alunas bolsista e voluntária do projeto sob a supervisão do orientador. Para as oficinas foram utilizados recursos, tais como: televisão, vídeo/DVD, toca CD, livros e outros materiais, tais como: papel ofício, lápis, canetas e borrachas.

O trabalho de coleta de histórias foi realizado junto à população dos bairros Casas Populares e Pôr do Sol. A opção por trabalharmos com a população desses bairros se deu por causa da sua proximidade ao CFP e pelo fato de que ao término da coleta das entrevistas, as oficinas de contação de histórias se dariam com crianças que estudam na Escola Municipal Cecília Meireles, situada no bairro Casas Populares e que atendem a população desses dois bairros.

Os sujeitos entrevistados constituíram um grupo de 15 pessoas, com idade entre 60 e 84 anos. As performances desses sujeitos foram registradas em fotografias documentais, conforme demonstração abaixo, constando nome e idade.



Alexandre Pereira, 81 anos.



Ana Maria, 78 anos.



Cosmo Martin, 67 anos.

 <p>Euvira Gonçalves, 64 anos.</p>	 <p>Francisco Maciel, 60 anos.</p>	 <p>Francisca Limeira, 60 anos.</p>
 <p>Francisca Maria, 63 anos.</p>	 <p>Josilene Severino, 70 anos.</p>	 <p>José Batista, 74 anos.</p>
 <p>João Barreto, 67 anos.</p>	 <p>José Gonçalves, 65 anos.</p>	 <p>Luis Pereira, 84 anos.</p>
 <p>Maria Dantas, 73 anos.</p>	 <p>Maria Nita, 62 anos.</p>	 <p>Valcira Vieira, 60 anos.</p>

Para darmos início a coleta de dados juntos aos idosos, realizamos uma experiência piloto entrevistando um idoso indicado por sua neta que compõe nosso grupo de estudo levando-se em consideração a desenvoltura e habilidade para contar história. Ele nos contou uma história de trancoso, que ouvia quando criança pelos idosos durante a noite

numa debulha de feijão. Ao término da entrevista, ficamos irradiantes e confiantes para seguir em frente. Então foram surgindo os obstáculos. Ficamos com medo de não termos a capacidade de realizar o trabalho e cumprir prazos determinados, ficamos receosos. Mas, com muita força de vontade, nas férias de janeiro/2007, utilizamos todas as manhãs disponíveis, visto que o sol do sertão, à tarde, não nos era favorável, e saímos em busca de coletar as outras entrevistas.

Em seguida, recorremos ao posto de saúde do bairro onde levantamos uma lista com nomes e endereços de 15 pessoas com idade acima de 60 anos. Com a lista em mãos passamos a realizar visitas a fim de coletar histórias e fazer entrevistas. Este processo foi bastante difícil, pois apenas conseguimos realizar uma entrevista. Entre as 14 pessoas que não puderam prestar entrevista encontravam-se pessoas bastante enfermas, com dificuldade de fala, problemas de falta de memória e mesmo pessoas já falecidas, entre outros motivos. Na maioria das casas fomos recebidos pelos idosos, mas eles não se dispunham a participar do projeto, alegando não se lembrar das histórias que ouviam quando criança, ou afirmando não ter vivenciado a experiência de ouvir histórias. Essa última afirmação foi mais assinalada por parte das mulheres. Neste caso, o que antes nos parecia ser fácil, tornou-se um tanto difícil.

A partir de então recorremos ao Posto de Assistência Primária à Saúde - PAPS, vinculado ao CFP/UFCG, e que atende a população idosa dos bairros das Casas Populares e Por do Sol. No PAPS levantamos outra lista com 45 nomes e endereços de idosos a partir dos quais fizemos apenas 13 entrevistas, pois 32 pessoas constantes na lista, pelos motivos citados acima, não puderam participar do nosso projeto. Assim coletamos um total de 15 histórias. Por fim, no final do mês de janeiro de 2007, tínhamos todas as histórias transcritas e as fotos dos idosos que nos contaram as histórias.

O segundo passo foi transcrever, digitar e salvar as entrevistas no computador. Depois da realização dessas atividades, encontrávamo-nos na metade do projeto, faltando fazer a montagem das oficinas de (re)contação de histórias destinadas aos estudantes. Desta forma, passamos um mês nos reunindo para definirmos exatamente o que pretendíamos

fazer para recontar essas histórias. Tudo foi devidamente planejado: o material a ser utilizado, o espaço físico necessário, o modo como iríamos contar as histórias para crianças e adolescentes: gestos, entonação vocal, expressão corporal, etc., como apresentar a proposta de trabalho à direção da escola, como iríamos falar com os pais. Trabalhamos para que tudo ocorresse como almejávamos.

No início de março de /2007 tivemos nossa primeira reunião com a diretora da escola cujas crianças iriam participar do nosso projeto. A diretora quis saber o que pretendíamos com aquele projeto e o que iria acrescentar nos conhecimentos de seus alunos. Passamos todas as informações sobre o projeto, dando conta de que ele era relativo à contação de histórias e que pretendíamos resgatar essa atividade, que atualmente se encontra esquecido. Ao término de nossa conversa, a diretora escolar nos autorizou a realizar o projeto e nos propôs fazer uma reunião com os pais para lhes informar sobre o projeto e solicitar autorização para a participação dos seus filhos.

A reunião com os pais se deu em meados do mês de março de 2007, na qual as alunas (bolsista e voluntária), instruídas pelo orientador, explicaram aos pais como se daria a atividade de contação de história. Os pais afirmaram para nós que era muito importante para os seus filhos terem um momento como esse, onde os seus filhos pudessem se reunir para resgatar essas histórias. A professora da turma do 5º ano da Escola Municipal Cecília Meireles passou-nos o número de alunos que poderiam participar do projeto, ou seja, 30 crianças.

Ainda em março de 2007 deu-se início à oficina de contação de histórias com os alunos. Para tal, utilizamos o Espaço Pedagógico, uma sala do CFP que dispõe de um bom aparato áudio-visual, satisfatório às nossas necessidades. Começamos com uma breve apresentação do projeto, enfatizando os objetivos deste, e como ele poderia atender às necessidades e interesses dos estudantes. Em seguida, exibimos o filme *As Crônicas de Nárnia*, que relata a vivência de histórias fabulosas construídas a partir da fantasia, imaginação e criatividade de crianças que ao passar por uma situação difícil, recorre à fantasia para se livrar das dificuldades enfrentadas. Filme este escolhido devido à similitude

do papel da fantasia, evidenciado pelo filme, com o papel que a fantasia assume nas histórias por nós coletadas junto aos idosos. Histórias essas que serviram de elemento desencadeador do processo de reconstrução de histórias por parte dos estudantes participantes das oficinas de contação e reconstrução de histórias.

Os estudantes da Escola Cecília Meireles compareceram em número menor do que o esperado, pois, dos 30 alunos indicados pela professora, apareceram 18. Mas mesmo com um número inferior ao que desejávamos, foi possível realizar a oficina como havíamos planejado. Durante a exibição, como o filme fosse longo, com duração acima de 120 minutos, alguns alunos começaram a ficar inquietos depois de algum tempo, mas nada que não desse para contornar e prosseguir com a programação da oficina. Ao término da exibição, abrimos um espaço para debate acerca do filme, obtendo por parte dos alunos opiniões pontuais, as quais foram seguidas pela nossa interpretação e exposição sobre o sentido do filme.

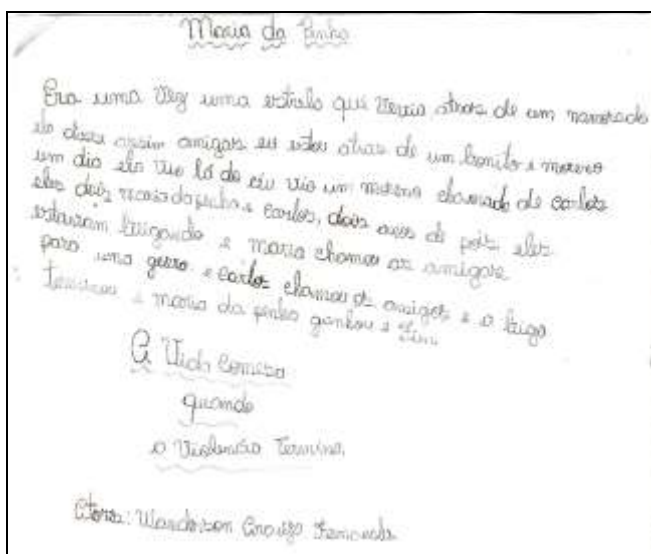
Para a contação de histórias utilizamos uma sala de aula convencional do CFP, visto que não iríamos utilizar os recursos áudio-visuais como no dia anterior. Foram confeccionados livretos com as histórias que havíamos coletado no mês de janeiro junto aos idosos. Esse livreto foi feito na expectativa de trabalhar melhor as histórias e, ao final das oficinas, os alunos poderem ter um registro escrito destas.

No dia posterior a oficina de contação, deu-se o trabalho de construção de histórias por parte dos alunos. Esse processo aconteceu em dois momentos. Primeiro, quando os alunos já se encontravam na sala, pedimos que eles relembassem um pouco do que tinha acontecido no encontro anterior. Após os comentários do dia anterior comunicamos que eles deveriam, tomando como base as histórias que foram contadas por nós, criar as suas próprias histórias. Para isto eles se juntaram em duplas e deram início a este trabalho: criar histórias. No segundo momento, pedimos que individualmente escrevessem uma história. Ao final da oficina, eles apresentaram oralmente e por escrito as suas produções. Os alunos demonstraram efetivo entusiasmo com a realização dessa atividade. Assim, além de usarem o código escrito para registrar as suas produções, eles ainda a ilustraram com desenhos que

buscavam revelar o conteúdo dessas produções em outra linguagem, a linguagem da ilustração, do desenho.

Como produto dessas oficinas, obtivemos várias histórias, demonstrando, em parte, que nossos objetivos foram alcançados, pois o resultado do trabalho evidenciou que esses alunos se tornaram razoavelmente preparados para a arte de contar e construir histórias, melhorando assim o seu desempenho quanto à leitura e à escrita. Neste sentido, objetivando estimular o hábito de leitura e escrita entre esses estudantes, sorteamos 08 livros paradidáticos, conseguidos junto a um representante da editora Escala Nova.

Entre as histórias que foram construídas pelos alunos, a título de ilustração, escolhemos três histórias para compor esse relatório. Essas três histórias foram por nós escolhidas levando-se em consideração a criatividade e a habilidade de escrita demonstradas em tais histórias, exposta a seguir.



nome: Mariana Cristina dos Reis Vitória

### Fidelia

Era uma vez, um menino que não gostava de estudar, a mãe dele vivia dizendo:

- Menino, vai para a escola para você ser um futuro homem e ninguém nem ligava para ele, um dia ele foi para a escola mas não era para estudar não era para brincar, ele chamava os amigos dele para brincar e os amigos dele olava

- Eu não vou eu vou fazer a minha tarefa.

Ele foi para a biblioteca para chamar os animais para brincar e os animais não foram então ele foi para a escola e hoje ele é um doutor.

Moral da história quem não estuda não aprende.

### Ropai do céu

Era uma vez um homem muito bom que se chamava Jesus, ele curava muitos animais e pessoas. Um dia um carneirozinho estava muito doente com o nome quebrado. E ele trabalhava muito e ganhava muito dinheiro na fazenda. E ele trouxe um carneirozinho que se chamava Jesus e ele ficou com o nome quebrado e ganhou mais. Ele ficou muito feliz e ficou com o nome Jesus. E hoje ficou muito feliz e ficou com o nome Jesus. Ele ficou com o nome Jesus e hoje ficou muito feliz e ficou com o nome Jesus.

Então a mãe do carneirozinho viu Jesus e perguntou o Jesus e ganhou mais. E hoje ficou muito feliz e ficou com o nome Jesus. Ele ficou com o nome Jesus e hoje ficou muito feliz e ficou com o nome Jesus.

autoras: Similide Jovina dos Santos,

Larissa Ramos da Silva.

Almejamos que este trabalho que nós realizamos possa, quiçá, fomentar o desejo e inspirar esses alunos para que prossigam na vida criando, escrevendo e contando as suas próprias histórias.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Walda de Andrade. **LENDO E FORMANDO LEITORES**: Orientações para o trabalho com a literatura infantil. São Paulo: Global, 2004.

BENJAMIM, Walter. **MAGIA E TÉCNICA, ARTE E POLÍTICA**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas, vol.I. 7ª ed., Tradução de Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Ecléa. **MEMÓRIA E SOCIEDADE**: lembrança de velhos. São Paulo: T.A., 1979.

CALVINO, Ítalo. **FÁBULAS ITALIANAS**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

COUTINHO, Eduardo F. A narrativa contemporânea das Américas: uma narrativa síntese. In: VASSALO, Lúcia (Orgª). **A NARRATIVA ONTEM E HOJE**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

FREIRE, Paulo. **A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER**. São Paulo: Cortez, 2006.

FREITAS, Sonia Maria de. **HISTORIA ORAL**: possibilidades e procedimentos. 2ª ed. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2006.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. PREFÁCIO. Walter Benjamim ou a história aberta. In: BENJAMIM, Walter. **MAGIA E TÉCNICA, ARTE E POLÍTICA**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas, vol. I. 7ª ed., Tradução de Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MARTINS, Maria Helena. **O QUE É LEITURA**. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MOSCOVICI, Serge. **A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA PSICANÁLISE**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

OLIVEIRA, Giseli Valin de. **CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA INFÂNCIA**: realidade e fantasia. Disponível em <http://www.facosfacad.com.br/pos/lit/docs/06>, em 19 de agosto de 2006.

PIETRO, Heloisa. **QUER OUVIR UMA HISTÓRIA?** Lendas e mitos no mundo da criança. São Paulo: Angra, 1999. Coleção Jovem Século XXI.

QUINTO, Maria Edneia Gonçalves. **TEATRO RADICAL BRASILEIRO NA PÓS-MODERNIDADE**: o narrador fábula; o espectador constrói a viagem imaginária. In: MATOS, Kelma Socorro (Orgª). **CULTURA DE PAZ, EDUCAÇÃO AMBIENTAL E MOVIMENTOS SOCIAIS**: Ações com sensibilidade. Fortaleza: UFC, 2006.

VIEIRA, Luis. **Os Olhinhos do Menino**. In: Luiz Vieira – 20 Super Sucessos. POLYDISC: Recife, 1998.